Pesquisa Multidisciplinar em Saúde
Edição V

CAPÍTULO 1

O USO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA

YTALO MAGALHÃES MIRANDA[1]
ALEXANDRE PIMENTA ALVES MENDES[1]
GIOVANNA REIS VERAS[1]
GLÓRIA CAROLINE A. DE ARAÚJO[1]
JONILDO PINHEIRO A. JÚNIOR[1]
JOSÉ HENRIQUE SANTOS SILVA[1]
ROSSELA DAMASCENO CALDEIRA[2]

[1]Discente – Graduação em Medicina no Instituto de Educação Médica
[2]Docente – Instituto de Educação Médica

Palavras-chave: Uso de medicamentos; Psicotrópicos; Estudantes de medicina.

doi 10.59290/978-65-6029-043-3.1

INTRODUÇÃO

A utilização de medicamentos acompanha a trajetória da evolução humana, desde os primeiros tempos da civilização, sendo empregada com o propósito de proporcionar alívio e cura para doenças. Com a evolução dos meios de pesquisa e da tecnologia na indústria farmacêutica, o uso de medicamentos se tornou cada vez mais comum e difundido em todo o mundo. Medicamentos esses que possibilitaram o alívio e cura para inúmeras doenças. No entanto, juntamente com essa tendência, surge o problema do uso irracional de medicamentos pela população, de forma indiscriminada e sem prescrição adequada (SILVA & ALVIN, 2020). Dentre as diversas classes medicamentosas que seguem tal tendência, estão os psicotrópicos.

Os psicotrópicos são substâncias que podem modificar a função do organismo, resultando em mudanças fisiológicas e comportamentais (BRITO & SILVA, 2021). Devido as suas propriedades bioquímicas são classificados, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em diferentes categorias, como: Ansiolíticos e sedativos; antipsicóticos (neurolépticos); antidepressivos; estimulantes psicomotores; psicomiméticos e potencializadores da cognição (BOGER *et al.*, 2018; OMS, 2001).

Essas substâncias interagem com os neurotransmissores (responsáveis pela comunicação entre os neurônios) de maneira diferenciada, por exemplo, os antidepressivos aumentam a disponibilidade de neurotransmissores (serotonina, noradrenalina e dopamina) no cérebro, enquanto que os antipsicóticos bloqueiam os receptores de dopamina para reduzir a atividade excessiva. Os ansiolíticos promovem relaxamento ao aumentar a atividade do neurotransmissor GABA. Os estimulantes aumentam a atividade da dopamina e noradrenalina, proporcionando mais alerta e energia, e os alucinógenos afetam a percepção e o pensamento ao se ligarem aos receptores de serotonina, resultando em alucinações e mudanças na consciência. Assim, devido as suas diversas categorias e vias de ação, essas sustâncias atuam no sistema nervoso central, produzindo alterações de comportamento, humor e cognição (SILVA *et al.*, 2022).

O avanço da medicina possibilitou novas áreas de pesquisa acerca dessas medicações, contribuindo com o tratamento de milhões de pessoas que sofrem com transtornos do humor, psicóticos, do sono, déficit de atenção e hiperatividade, ansiedade e depressão (PRADO *et al.*, 2017). Evidências científicas registram altos níveis de transtorno de ansiendade e depressão na população geral, com estimativas mundiais de 264 (depressão) e 322 (ansiedade) milhões de pessoas acometidas com esses transtornos (OMS, 2014). Prado *et al.*, (2017) destacam que 15 a 29% dos alunos universitários apresentam transtornos psiquiátricos ao longo da sua vida acadêmica.

Esse cenário também se faz presente entre os estudantes de Medicina. O estudo de Sacramento *et al.*, (2021) com 458 universitários de Medicina, registrou uma prevalência dos sintomas de ansiedade em 30,8% dos participantes. Outros estudos destacam que a elevação dessas taxas são de causas multifatoriais, como: Faixa etária, distância familiar, expectativas sociais, desenvolvimento da autonomia e modelo acadêmico das universidades de medicina. Isso impõe ao acadêmico o desenvolvimento de habilidades para gerenciar esses fatores (OTTERO *et al.*, 2022; VASCONCELOS *et al.*, 2015).

Em paralelo, Correa *et al*., (2016) destacam um subgrupo dentre os acadêmicos de medicina que são egressos de outras graduações (Farmácia, Enfermagem, Ciências biológicas, entre outros), que além de enfrentarem as dificuldades citadas acima, também lidam com inseguranças financeiras e dificuldade para conciliar a extensa carga horária do curso com o trabalho e atenção à família. Além do que, uma parcela desse subgrupo, os que saíram do mercado de trabalho, precisa lidar com o retorno à dependência financeira para conseguir custear seus estudos.

Desse modo, levando em consideração todos essas dificuldades que a jornada do curso de medicina apresenta, boa parcela desses acadêmicos buscam em medicamentos psicotrópicos, uma melhora em seu desempenho (DOS SANTOS PIRES *et al*., 2018; ROCHA *et al.*, 2020). Porém, a utilização dessas substâncias deve ser sempre feita sob prescrição médica e acompanhamento adequado (FERRARI *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2022), uma vez que o uso indiscriminado, seja por hiperdosagens, utilização prolongada e/ou sem justificativa clínica, pode gerar problemas à saúde do usuário, elevando os riscos de dependência, intoxicações, além de inúmeros efeitos adversos, como prejuízos físicos, psicológico, entre outros (VALERIO *et al.*, 2023).

Segundo a OMS, o abuso de substâncias psicoativas por jovens brasileiros está entre as principais causas de mortalidade, principalmente, na faixa etária de 15 a 25 anos (OMS, 2014). Essa prática também é observada no meio acadêmico, onde há o aumento progressivo do uso de psicotrópicos. Behzadifar *et al.* (2020), em uma revisão de meta-análise, registrou uma prevalência geral de automedicação entre estudantes universitários de 70,1%, sendo que entre estes 97,2% eram estudantes da área médica, indicando uma relação com o fato dos estudantes das áreas da saúde possuírem maior conhecimento sobre as drogas. Esses dados são corroborados por Dos Santos *et al.*, (2022), em sua revisão integrativa com dados mundiais, que demonstram forte correlação entre um maior grau de escolaridade e a prática da automedicação, estando em crescente presença entre os universitários, em especial os da área da saúde (SILVA *et al.*, 2012). Niquini *et al.*, (2015) e Oliveira & Dias (2014) destacam, ainda, o fato de estudantes de medicina que estão ativamente no mercado de trabalho, enfrentando dupla jornada (laboral e acadêmica), com pouco tempo de descanso vivenciarem maior vulnerabilidade emocional e assim, buscarem suporte nestas medicações.

Apesar das pesquisas científicas desvelarem a prática de automedicação entre estudantes universitários de medicina, a literatura sobre este tema ainda fomenta inúmeros questionamentos, fato que motivou a realização deste estudo. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi descrever o uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de medicina.

MÉTODO

A pesquisa realizada, do ponto de vista de sua natureza, é do tipo básica e, quanto aos objetivos, caracterizada como descritiva por levantamento de dados. Foi desenvolvido um formulário digital a fim de direcionar a pesquisa utilizando, o *Google Forms*®o qual não gerava correlação com a identificação do participante da pesquisa. O formulário foi organizado em duas sessões. Na primeira sessão constava o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), onde o questionado só passaria para a segunda sessão caso indicasse que aceitava par-

ticipar da pesquisa. Na segunda sessão, haviam questões direcionadas para informações socioeconômicas e para o uso de medicações, a saber: Qual a sua idade? Qual a sua identidade de gênero? Em que cidade e estado você cursa a graduação? A sua instituição é pública ou privada? Qual a sua renda familiar? Essa é a sua primeira graduação? Você possui algum emprego? Você já foi diagnosticado com alguma das opções abaixo (Ansiedade, depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade -TDAH, outros)? Você utiliza alguma substância psicotrópica? Com ou sem prescrição médica? Você se considera dependente de alguma substância? Em quais circunstâncias?

O questionário foi transmitido para os alunos que cursam medicina, via link de acesso compartilhado. Os dados obtidos foram tratados e tabulados com o uso do software Excel®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 142 estudantes do curso de medicina, sendo 64% (91) do sexo feminino e 36% (51) do sexo masculino. De acordo com os resultados, 83% (118) são estudantes da região metropolitana de Belém, 17% (24) dos estados do Maranhão. Do total 94,4% (134) são de instituições privadas e 5,6% (8) de instituições públicas. 62,67% (89) cursam a primeira graduação e 37,33% (53) estão na segunda. Em relação à renda familiar dos participantes, 42,25% (60) relataram ter renda acima de dez salários mínimos na família. No que diz respeito ao emprego, 21,83% (31) estão empregados e 77,47% só estudam. A faixa etária predominante foi de 18 a 25 anos, com 60% (85) dos resultados. Este dado está em concordância com estudos anteriores (BRITO & SILVA, 2021) que baseados no resumo técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP, 2019) registraram que a população universitária brasileira apresenta média de idade de 24,3 anos (com desvio-padrão de 7,8).

Ao se tratar de transtornos previamente diagnosticados, do total de participantes, 19,72% (28) informaram ter ansiedade e 23,9% (34) apresentaram o transtorno de ansiedade com comorbidades com depressão e TDAH. Registros anteriores (VASCONCELOS *et al.*, 2015) com 234 estudantes de medicina, da Faculdade Pernambucana de Saúde, descreveram dados aproximados, identificando que 34,3% da amostra apresentava sintomas de ansiedade. De acordo com Brito & Silva (2021) estudantes universitários estão propensos a desenvolverem transtornos psiquiátricos ao longo de sua jornada acadêmica. Em parte, isso se justifica pelas mudanças que ocorrem em suas vidas, sejam de ordem biológica, acadêmica ou social (pressões acadêmicas, alta competitividade entre pares, falta de tempo para o lazer). Independentemente da ordem, essas requerem do sujeito adaptação a nova rotina educacional, habilidades sociais mais elaboradas e maiores responsabilidades para com seus deveres, o que pode se configurar como um estressor e impactar diretamente na saúde mental dos alunos, tornando-se um vetor para a busca de substâncias psicotrópicas (BEHZADIFAR *et al.*, 2020; DOS SANTOS, 2022).

À vista disso, o presente estudo se pautou em quantificar o uso de medicamentos psicotrópicos pelos estudantes de medicina. Os dados revelaram que dos 142 participantes, 100 responderam que fazem uso, representando 70,4% da amostra (sendo 49% (49) desses com prescrição médica e 51% (51) sem prescrição). Estes dados são superiores aos descritos por Moreira *et al*., (2022), em sua pesquisa com 190 acadêmicos de medicina, onde foram registrados que 33,2% da amostra utilizavam substância psicotrópica. A literatura da área aponta que

a busca por esse tipo de medicação pode estar relacionada as dificuldades inerentes ao curso médico (elevada carga horária, extenso conteúdo didático, tempo reduzido para revisar conteúdo, dificuldade de gerenciamento da rotina de estudos, entre outros) que necessita de dedicação, esforço, resistência física e emocional (OTTERO *et al.*, 2022). Neste sentido, a incerteza sobre a eficácia de seu desempenho pode levar ao uso de substâncias psicoativas, com o intuito de melhorar o rendimento e conciliar estudo com o trabalho e atenção familiar.

Além disso, observou-se que dentre os 100 participantes que afirmam utilizar esse tipo de medicamento, 65% estão em sua primeira graduação (57, na faixa etária 18-25 anos) e 35% já possuem formação em outro curso de nível superior (10, entre 26-32 anos e 21, com mais de 33 anos). Panorama semelhante foi descrito por Dos Santos Pires *et al*., (2018), em sua pesquisa com 187 acadêmicos do curso de medicina de Governador Ozanam Coelho (FAGOC) de Ubá/MG. Os autores registraram o uso de substâncias psicoestimulantes por 52,94% (99) dos estudantes. Sendo relatado que a busca por concentração, foi um dos fatores motivacionais. Tendo em vista que a inserção na universidade, no Brasil, se dá no final da adolescência e início da vida adulta (OTTERO *et al.*, 2022) e, que este período é caracterizado por mudanças psicológicas importantes, principalmente na esfera cognitiva, que é um processo contínuo e que modifica constantemente as competências e habilidades do indivíduo para lidar com as demandas do cotidiano; é possível que os estudantes de primeira graduação desta pesquisa, no intuito de responder as exigências acadêmicas, procuram neste tipo de substância apoio para o aperfeiçoamento cognitivo (concentração, atenção) e emocional (DOS SANTOS PIRES *et al.*, 2018).

Considerando o fator empregatício e sua relação com o uso de psicotrópicos, observou-se que nesta amostra a maior taxa de utilização destas substâncias está no grupo em que os participantes estão em sua primeira graduação e que não possuem emprego com 61% (61). Destes, 66,7% (34) fazem o uso sem prescrição médica e 33,3% (27) com prescrição. Percebe-se que neste subgrupo o fator empregatício, aparentemente não se apresenta como potencializador. Assim, demonstrando novamente um alinhamento com os resultados de Behzadifar *et al.* (2020) e Dos Santos Pires *et al.* (2018) onde fatores como a baixa faixa etária ao entrar em um curso desafiador com conteúdo denso, distanciamento da família e o impacto causado pela diferença entre as metodologias utilizadas no ensino médio e ensino superior, podem ser fatores associados à alta taxa de consumo dessas substâncias – com prevalência sob a automedicação.

No entanto, não se pode deixar de observar o alto consumo de substâncias psicotrópicas entre os 19% de estudantes que cursam medicina como segunda graduação e que continuam trabalhando. Os dados revelaram que 73,68% (14) destes fazem uso de medicações psicotrópicas com prescrição médica e 26,32% (5) sem prescrição. Por mais conhecida que seja a alta prevalência de estudantes com empregos e de suas jornadas de trabalho extensas, esse é um público pouco abordado na literatura, principalmente evidenciando a correlação entre as características do trabalho e quais delas prejudicam ou beneficiam o desempenho acadêmico deles. Além disso, se esses fatores favorecem a procura por medicamentos psicotrópicos. Tal realidade levanta alguns questionamentos: Os compromissos já existentes, como família e emprego, somados à carga horaria do curso de medicina também são fatores que influenciam essas pessoas a utilizarem psicotrópicos? As universidades estão atentas a

esse público? A rede de apoio está presente e eficaz para que isso seja evitado?

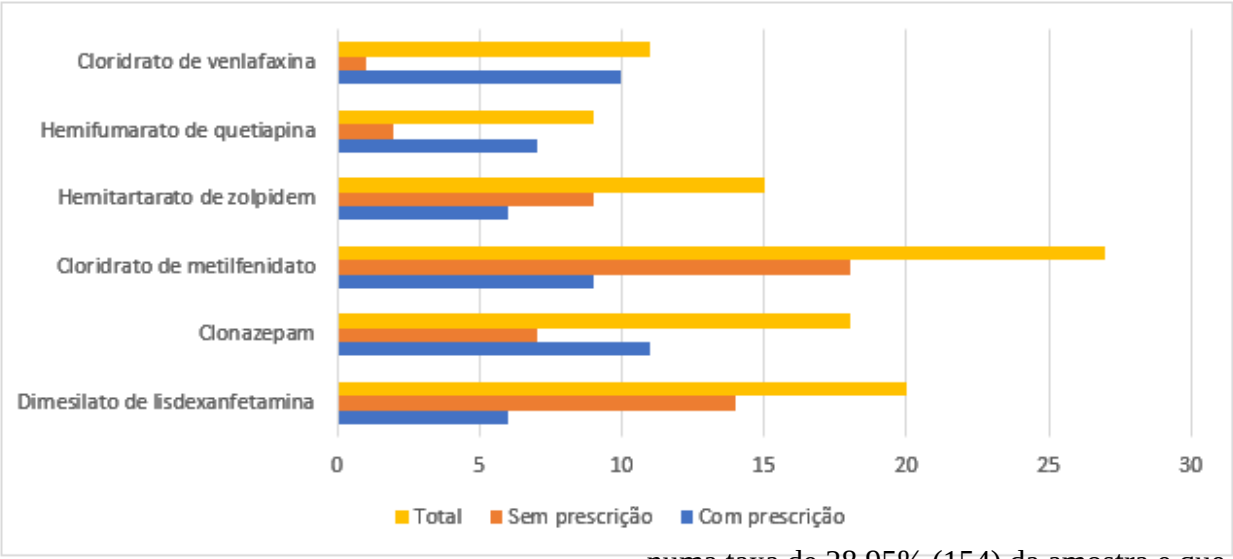
Na busca para responder esses questionamentos faz-se necessário a análise de fatores associados às dificuldades especificas que este subgrupo (alunos com emprego) apresenta (tipo de trabalho, carga horária de trabalho, remuneração, tempo remanescente para estudar, família) e como se caracteriza a sua rede de apoio ao longo de sua jornada acadêmica. No que diz respeito à performance acadêmica *versus* trabalho, Niquini *et al.,* (2015) com o objetivo de identificar as características do trabalho associadas ao desempenho acadêmico de universitários trabalhadores, realizou pesquisa com 211 acadêmicos da Faculdade de Economia e Administração, de São Paulo. Os autores registraram associação positiva entre alunos que possuem trabalho, com carga horária igual ou superior a 8 horas diárias, alta faixa etária e baixa remuneração com baixo desempenho acadêmico. Ao se tratar dos cursos de economia e administração, esses possuem uma carga horária total de 3060 e 3345 horas, respectivamente, com tempo total médio para graduação de quatro anos e não são integrais, ou seja, há uma disponibilidade maior de tempo para que o aluno consiga estudar e trabalhar ou estagiar. Enquanto que no curso de medicina, este cenário tende a ser mais desafiador, uma vez que a carga horária total média é de 7.200 horas, possui um tempo para graduação de seis anos e é uma jornada acadêmica integral. Dessa maneira, é possível entender a dificuldade para acadêmicos de medicina em conseguirem gerenciar o tempo de estudo, revisão de matéria e atividades curriculares com família e principalmente, com trabalho em especial se forem cargos sem flexibilidade. Isso pode se caracterizar com um potencial para que haja o desenvolvimento de transtornos e à busca por medicamentos psicotrópicos.

Diante desta realidade é de suma importância o suporte emocional e a presença efetiva da rede apoio ao estudante. Oliveira & Dias (2014) relatam que a rede de apoio para os jovens calouros é composta, principalmente, por seus familiares, em especial, seus genitores. Que fornecem apoio emocional para lidar com a nova jornada no ensino superior, com as dificuldades encontradas no curso e com a saída de casa. Além disso, os genitores proporcionam suporte financeiro para que os acadêmicos possam dedicar seu tempo integralmente ao curso, auxiliando na sua manutenção, até mesmo em uma outra cidade.

No entanto, dentro da atual pesquisa, ao observar as características da rede de apoio do grupo de estudantes que estão na segunda graduação e que permanecem trabalhando, nota-se que não é estruturada da mesma forma; devido sua formação e faixa etária mais elevada – mais de 33 anos – este sujeito é o (a) mantenedor (a) de sua família e o pagamento de seu curso depende do seu emprego. Desse modo, sua rede de apoio é composta por sua esposa ou marido e filhos, colegas de trabalho e do que a instituição de ensino oferece como apoio (OLIVEIRA & DIAS, 2014).

Em relação aos medicamentos utilizados pelos participantes deste estudo, o gráfico abaixo demonstra o tipo de medicação e a forma de aquisição (com ou sem prescrição médica) - **Gráfico 1.1.**

Gráfico 1.1 Psicotrópicos x Prescrição

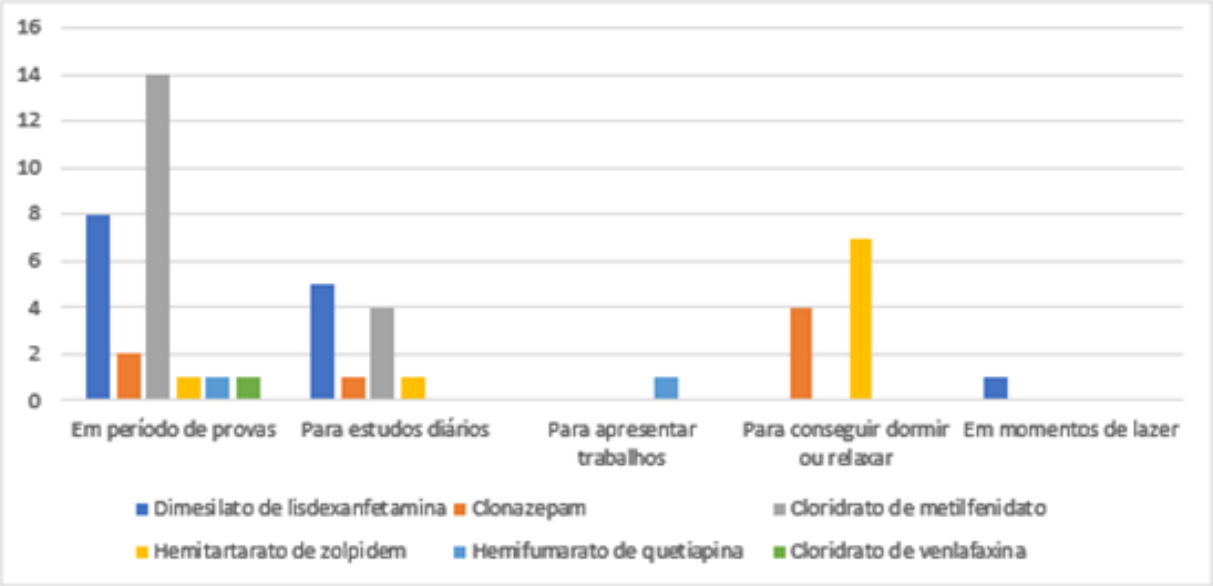


Dentre os 100 (70,4%) estudantes que utilizam medicações 51% o fazem sem prescrição médica. No que concerne ao tipo de substância, observou-se que 35,29% (18) usam cloridrato de metilfenidato; 27,45% (14) dimesilato de lisdexanfetamina; 17,65% (9) hemitartarato de zolpidem; 13,73% (7) clonazepam; 3,92% (2) hemifumarato de quetiapina e 1,96% (1) cloridrato de venlafaxina (**Gráfico 1.1**).

Em uma avaliação geral foi possível perceber que o cloridrato de metilfenidato foi a substância mais citada pelos estudantes. Este dado corrobora estudos anteriores (ROCHA *et al.*, 2020) que destacam o uso do cloridrato de metilfenidato pelos estudantes de medicina, numa taxa de 28,95% (154) da amostra e que 69% desta parcela o fazem sem prescrição médica. Os autores destacam que a utilização desta medicação pode estar atrelada a busca por concentração, melhora do estado de vigília, diminuição do cansaço físico e sonolência. Evidenciando assim, a busca pela melhora da capacidade cognitiva e de concentração e, por conseguinte, aumento da produtividade.

Os dados revelaram que o uso dessas substâncias, sem prescrição médica, ocorre em maior quantidade em período de provas (52,94%, 27), seguido de “para estudos diários” (21,57%, 11); para relaxar e dormir (21,57%, 11); para apresentar trabalhos (1,96%, 1) e lazer (1,96%, 1) **(Gráfico 1.2)**.

Gráfico 1.2 Psicotrópicos x Circunstâncias



O período de provas pode ser compreendido como uma situação que desencadeie maior nível de estresse e leve o sujeito à procura do medicamento. Este uso indiscriminado pode estar relacionado à facilidade do acesso, pela oferta presente entre os parentes e amigos, conversas com profissionais de saúde e pelo uso de prescrições anteriores, o que potencializa o aumento do uso sem necessidade clínica (MOREIRA *et al.*, 2022). Estudos prévios (SILVA *et al.*, 2012) registraram uma taxa de 41,2% dos participantes se automedicavam sob orientação de um parente ou amigo. Este cenário, estimula a propagação de práticas não convencionais de cuidados à saúde, onde a automedicação pode acarretar consequências indesejáveis, como interações medicamentosas, dependência e intoxicação. Além do que, podem encobrir a evolução de diversas doenças (MOREIRA *et al.*, 2022).

Dessa maneira, a automedicação com essa classe de medicamentos por alunos universitários da área da saúde, em especial os de medicina, é um cenário preocupante. Uma vez que o estudo elucida as motivações, a forma que adquirem - sem acompanhamento e sem prescrição médica adequada, evidenciando a expansão gradativa pela obtenção das substâncias; o que pode se transformar em um problema de saúde pública, já que a prevalência do uso de psicoestimulantes é alta no percurso da vida acadêmica.

CONCLUSÃO

A pesquisa revelou um alto índice do uso de medicamentos psicotrópicos por estudantes de medicina, com valores preocupantes para o consumo sem prescrição médica. Os resultados corroboram com a literatura ao demonstrar que os estudantes que cursam medicina como primeira graduação e que não possuem emprego são os que mais utilizam psicotrópicos.

Contudo, traz à discussão um outro grupo de estudantes, os que cursam medicina como sua segunda graduação e possuem emprego. Este é o segundo subgrupo que mais consomem essas substâncias. Infere-se a associação dessas substâncias ao meio acadêmico como forma de melhorar o rendimento nos estudos em períodos avaliativos e uma maior produtividade, haja vista que a demanda de dedicação e a carga ho-

rária do curso de medicina é extensa e bastante estressante.

No que diz respeito as limitações, deve-se levar em consideração que a presente pesquisa não questionou a respeito da rede de apoio que os estudantes possuem, impossibilitando fazer uma análise comparativa direta com o que traz a literatura. Outra limitação, imputa-se ao fato da pesquisa não ter investigado as estratégias e acompanhamento prestado pelas instituições de ensino aos estudantes, dificultando assim uma associação precisa com os dados apresentados.

Isso demonstra a necessidade de avaliar, acompanhar e auxiliar esses acadêmicos, em especial os que permanecem trabalhando, pois essas dificuldades multifatoriais, como gerenciamento do tempo entre emprego, família e graduação, aparentam estar correlacionadas com os índices de desenvolvimento de transtornos – ansiedade e depressão – e com a busca por medicamentos psicotrópicos, seja ela com ou sem prescrição. Além disso, demonstrou-se importante dar-se atenção para o risco do uso dessas substâncias, bem como para a tomada de decisão, medidas educativas, promoção em saúde, uso racional dessas drogas entre estes estudantes, bem como, mais e novos estudos sobre a temática, para que esse problema de saúde pública se torne cada vez mais bem elucidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, B.B. *et al.* Saúde mental do estudante de medicina: Psicopatologia, estresse, sono e qualidade de vida. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 7, n. 2, p. 245-254, 2018. doi: https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i2.1911.

BEHZADIFAR, M. *et al.* Prevalence of self-medication in university students: Systematic review and meta-analysis. Eastern Mediterranean Health Journal, v. 26, n. 7, p. 846-57, 2020. doi: 10.26719/emhj.20.052.

BOGER, B. *et al.* Medicamentos sujeitos a controle especial mais utilizados em centros de atenção psicossocial em uma cidade do Paraná. Visão Acadêmica, v. 18, n. 4, 2017. doi: http://dx.doi.org/10.5380/acd.v18i4.55683.

BRITO, J.R. & SILVA, P.R. Uma análise sobre o consumo de ansiolíticos e antidepressivos entre estudantes de medicina. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Medicina) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Gioânia. p. 42. 2021.

DA CUNHA, M.C.F. *et al*. Depressão e qualidade de vida em acadêmicos de cursos de medicina em Ribeirão Preto-SP. Brazilian Journal of Development, v. 9, n. 05, p. 18135-18157, 2023. doi: https://doi.org/10.34117/bjdv9n5-246.

DE OLIVEIRA, C.T. & DIAS, A.C.G. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. Psico, v. 45, n. 2, p. 187-197, 2014. doi: https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13347.

DOS SANTOS, M.E.B.V. *et al.* Uso de metilfenidato e lisdexanfetamina por universitários da área da saúde: Uma revisão bibliográfica. Revistas Unilagos, v. 2, n. 1, 2022.

DOS SANTOS PIRES, M. *et al*. O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários. Revista Científica UNIFAGOC-Saúde, v. 3, n. 2, p. 22-29, 2018.

FERRARI, C.K.B. *et al.* Falhas na prescrição e dispensação de medicamentos psicotrópicos: Um problema de saúde pública. Journal of Health Sciences, v. 10, n. 2, p. 50-60. 2022.

GALATO, D. *et al.* Automedicação em estudantes universitários: A influência da área de formação. Ciência e Saúde Coletiva, v. 17, n. 12, p. 1-8, 2012.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019 [Internet]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2021 [citado 2021 Maio 14]. 120 p. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf Acesso em: 15 ago. 2023.

LEMOS, K.M. *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina Salvador (BA). Revista Psiquiatra Clínica, São Paulo, v. 34, p. 118-124, 2007. doi: https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000300003 .

MACIEL, J.M.M.P. & RAMOS, A.G.B. Uso não prescrito de cloridrato de metilfenidato entre estudantes universitários. Revista de Pesquisa Interdisciplinar, v. 2, n. 2, 2017.

MEDEIROS, I.M. *et al.* A automedicação em estudantes de medicina: Uma revisão sistemática. Scientia Naturalis, v. 4, n. 2, 2022. doi: https://doi.org/10.29327/269504.4.2-20.

MOREIRA, S.C. *et al.* The use of methylphenidate hydrochloride and its influencing factors in the lives of young Medical students. Research, Society and Development, v. 11, n. 7, p. e9911729715, 2022. doi: 10.33448/rsd-v11i7.29715.

MORGAN, H.L. *et al*. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de Medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: Prevalência, motivação e efeitos percebidos. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 41, p. 102 – 109, 2017. doi: https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160035.

NASCIMENTO, E. & MOTA, N.B. Anfetaminas no tratamento do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade: Uma revisão. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 44, p. 142-148, 2017.

NIQUINI, R.P. *et al.* Características do trabalho de estudantes universitários associadas ao seu desempenho acadêmico. Educação em Revista, v. 31, p. 359-381, 2015. doi: https://doi.org/10.1590/0102-4698122477.

OTTERO, C.LS. *et al.* A saúde mental dos estudantes de medicina: Uma revisão de literatura. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 3, p. e9751-e9751, 2022. doi: https://doi.org/10.25248/reas.e9751.2022.

PARAÍSO, T.F.C. *et al.* Uso de metilfenidato e desempenho acadêmico em crianças e adolescentes com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Revista de Psiquiatria Clínica, v. 46, p. 1-7, 2019.

PRADO, M.A.M.B. Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: Um estudo transversal de base populacional. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 26, n. 4, p. 747-758, 2017. doi: https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000400007.

RIBEIRO, R.O. Relato de experiência: Estudo sobre saúde mental e uso de psicofármacos entre estudantes de medicina do Extremo Sul da Bahia. Research, Society and Development, v. 12, n. 6, e12712642063. 2023. doi: https://doi.org/10.33448/rsd-v12i6.42063.

ROCHA, D.B.M. *et al.* Metilfenidato: Uso prescrito versus uso indiscriminado por acadêmicos de medicina. Revista Médica de Minas Gerais, v. 30, e-30119, 2020. doi: https://doi.org/10.5935/2238-3182.20200073.

SACRAMENTO, B.O. *et al.* Sintomas de ansiedade e depressão entre estudantes de medicina: Estudo de prevalência e fatores associados. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 45, n. 1, e021, 2021. doi: https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200394.

SILVA, M.O. *et al.* Perfil de utilização de medicamentos psicotrópicos dispensados por farmácias públicas durante a pandemia da Covid-19. Research, Society and Development, v. 11, n. 7, p. e45911730269-e45911730269, 2022. doi: https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.30269.

VALERIO, D.S. *et al.* Uso de psicotrópicos por estudantes de medicina de uma universidade privada no centro-oeste do Paraná. In: Anais do Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná. Campo Mourão – PR, 2022. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/simpar2022/583323-USO-DE-PSICOTROPICOS-POR-ESTUDANTES-DE-MEDICINA-DE-UMA-UNIVERSIDADE-PRIVADA-NO-CENTRO-OESTE-DO-PARANA. Acesso em: 15 ago. 2023.

VASCONCELOS, T.C.de *et al.* Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, n.1, p. 135–42. 2015. doi: https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014.

WILKON, N.W.V. *et al.* O uso de psicofármacos em jovens universitários. Research, Society and Development, v. 10, n. 17, p. e79101724472-e79101724472, 2021. doi: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i17.24472.